PAPO DE GALO_11
12/fev/2021

PROGRESSISTA DE FACHADA
Como o BBB desmascara a face punitivista do autoritarismo progressista

O CENTRÃO NO PODER
Como a movimentação do Centrão fez com que o bloco assumisse o poder efetivo no Brasil

CARETAS E NEGO FUGIDO
As festas de Acupe e Saubara que são tradição no Recôncavo Baiano.

A PRIMEIRA DECISÃO DO VAR
Crônica de Eduardo Galduróz conta com exclusividade a primeira decisão do VAR na história do futebol

E MAIS...
Entrevistas, novos colunistas, crônicas, ensaios

A pandemia estendida força o cancelamento em 2021 daquele que talvez seja o evento coletivo mais emblemático do brasileiro.

NEM TODO CARNAVAL TEM COMECO

PAPO DE GALO _ revista

A **Papo de Galo_ revista** é um projeto de **Gabriel Galo**. Ele também escreve, diagrama, administra e o que mais precisar. E desde a edição de número 10, a revista ganhou novo corpo. Piauí, me aguarde!

Somos **9 colunistas**, dentre jornalistas, escritores, analistas políticos, administradores, advogados, cronistas, filósofos, antropólogos. Isso sem contar os convidados especiais que marcarão presença nas pautas principais de cada exemplar. E vou mencionar *em passant* os planos de contratação de diagramador e ilustrador, para elevar mais um passo no conteúdo da revista.

Com isso, seu **apoio** é agora mais importante ainda. Apoie a produção independente de conteúdo!

Voltando à introdução tradicional, agora em primeira pessoa:

Eu sou baiano de Salvador, torcedor do Vitória, formado, mas não melhor que ninguém por isso, em Administração pela FEA/USP, pai, empresário e escritor. Isso cronologicamente falando. Escrevo coisas demais, sobre assuntos demais.

Publiquei em outubro de 2018 o livro "**Futebol é uma Matrioska de surpresas: contos e crônicas da Copa 2018**", contendo textos meus no Correio da Bahia e no Huffpost Brasil, além de alguns inéditos. Neste ano de 2020, lancei mais 2 livros novos de contos e crônicas: "**A inescapável breguice do amor**" e "**Não aperte minha mente**". Você pode comprá-los AQUI.

Estou **colunista** no programa **Futebol S/A** na Rádio Sociedade da Bahia, no **Arena Rubro-Negra**, o maior e melhor site de torcedores do Vitória, e no **Aprendizagem Jurídica**. Estive 3 anos e meio anos no **Correio da Bahia** e 1 um ano e meio no **Huffpost Brasil**. E estou sempre aí correndo atrás para quitar o boleto de amanhã.

Escrevo porque não tenho opção. Porque, por mais que tenha tentado outros caminhos, contar histórias é o que me faz acordar todos os dias com vontade de trabalhar. E vocês não imaginam como dá trabalho...

Ainda há muito mais por vir. Esta revista é só mais um passo rumo a sei lá o quê. O que importa, estou certo, é a jornada, não existe isso de linha de chegada. E faço um convite a você: vamos juntos?

Se o que eu escrevo faz sentido para você, considere **APOIAR** a revista. Assine. A campanha no Apoia.se está no ar esperando sua contribuição.

Ah! Eu sempre quero ouvir suas histórias. Quer conversar, propor pauta, criticar, o que for? Fale comigo!

facebook.com/souogalo
Instagram.com/souogalo
e-mail: gabriel@papodegalo.com.br

Abraço do Galo!

Faz tudo da revista: Gabriel Galo
Espero que em breve eu possa preencher este espaço com a equipe contratada para fazer a revista.
Uma publicação da Papo de Galo Comunicação e da Galo Consultoria.
Tiragem quinzenal. Revista online gratuita. Em breve, assinatura com edição física disponível. Quando? Não sei, pergunta difícil.
Enquanto isso, apoia aí, vai. Faz toda diferença.
Proibido reprodução total ou parcial dos textos sem autorização expressa dos autores.

ÀQUELES QUE CHORAM
PELA PURPURINA
PERDIDA.

Por GABRIEL GALO

O conteúdo desta revista é 100% autoral.
Proibido reproduzir sem autorização expressa do autor.
© Papo de Galo. Todos os direitos reservados.

Apoiadores

0005

APOIA.se

São Paulo, 12 de fevereiro de 2021

REDES SOCIAIS _

@souogalo
@canalpapodegalo

@souogalo
@canalpapodegalo

@souogalo

gabriel@papodegalo.com.br

PAPODEGALO.COM.BR

COLUNISTAS DESSA EDIÇÃO

DURVAL LUCAS JR.
Doutor em Administração

@durval_lucasjr

Administrador de formação, capitalista convicto, Durval é um apaixonado por tecnologia. Professor de ocupação (EPPEN-UNIFESP), diverte-se interagindo em sala de aula e buscando soluções para os problemas do mundo.

FLAVIA VASCONCELOS
Jornalista

@flavia.vasconcelosoliveira

Baiana. Escritora de histórias de vida. Entusiasta do Jornalismo literário. Autora do livro Antônimos - Narrativas de vida e arte.

FERNANDA GALVÃO
Jornalista

@falagalva

Fernanda é carioca, jornalista, consultora política e Master Coach.

EDUARDO GALDURÓZ
Juiz de Direito e cronista.

@eduardogalduroz

Eduardo Galduróz é um moleque abrindo Stanislaw. Subtrai, para si e para outrem, crônicas alheias móveis.

GABRIEL GALO
Administrador e escritor

@souogalo

Baiano praticante desde 1982, Gabriel é administrador, empresário, pai e escritor, cronologicamente falando. Lançou 3 livros de contos e crônicas.

ATENÇÃO!

VAI TER COMPLEMENTO DESSA EDIÇÃO DIA 19/02!

DARWIN, CIA, LSD, SALVADOR, ENTREVISTA...

ASSINE JÁ!

>> APOIA.SE/PAPODEGALO <<

Tudo o que você lê, ouve e assiste aqui no Papo de Galo é essencialmente grátis. Mas boleto não liga pra isso. E a gente precisa de sua ajuda.

Você pode contribuir com qualquer quantia que puder e não vá lhe fazer falta no APOIA.SE. Que tal 10 reais por mês, só 2 cafezinhos? Bora?

ÍNDICE

_ EDITORIAL

7 Um fevereiro estranho
(por Gabriel Galo)

_ NEM TODO CARNAVAL TEM SEU COMECO

13 Questão de identidade
(Artigo por Gabriel Galo)

18 A droga da abstinência
(Crônica por Gabriel Galo)

21 Ó o gelo
(Crônica por Gabriel Galo)

24 A folia da Unidos do LinkedIn
(Crônica por Gabriel Galo)

28 Seu Ponga
(Conto por Gabriel Galo)

32 Tô me guardando pra quando o Carnaval chegar
(Crônica por Eduardo Galduróz)

_ BBB E A CULTURA DE CANCELAMENTO

35 Oprimido opressor: o lado sombrio da esquerda
(Artigo por Gabriel Galo)

39 Criança feia não tem quem a crie – a terceirização da responsabilidade
(Artigo por Gabriel Galo)

42 O espírito maligno das tecnologias sociais
(Ensaio por Durval Lucas Jr)

_ O CENTRÃO AVALISTA DO GOVERNO

46 Do Centrão e outras movimentações ideológicas
(Artigo por Gabriel Galo)

51 Almoço caro pro governo
(Artigo por Fernanda Galvão – Fala, Galva!)

_ JORNALISMO LITERÁRIO

54 Fotografia e Contentamento
(Jornalismo literário por Flavia Vasconcelos)
(Fotos por Marcelo Reis (@marceloreis)

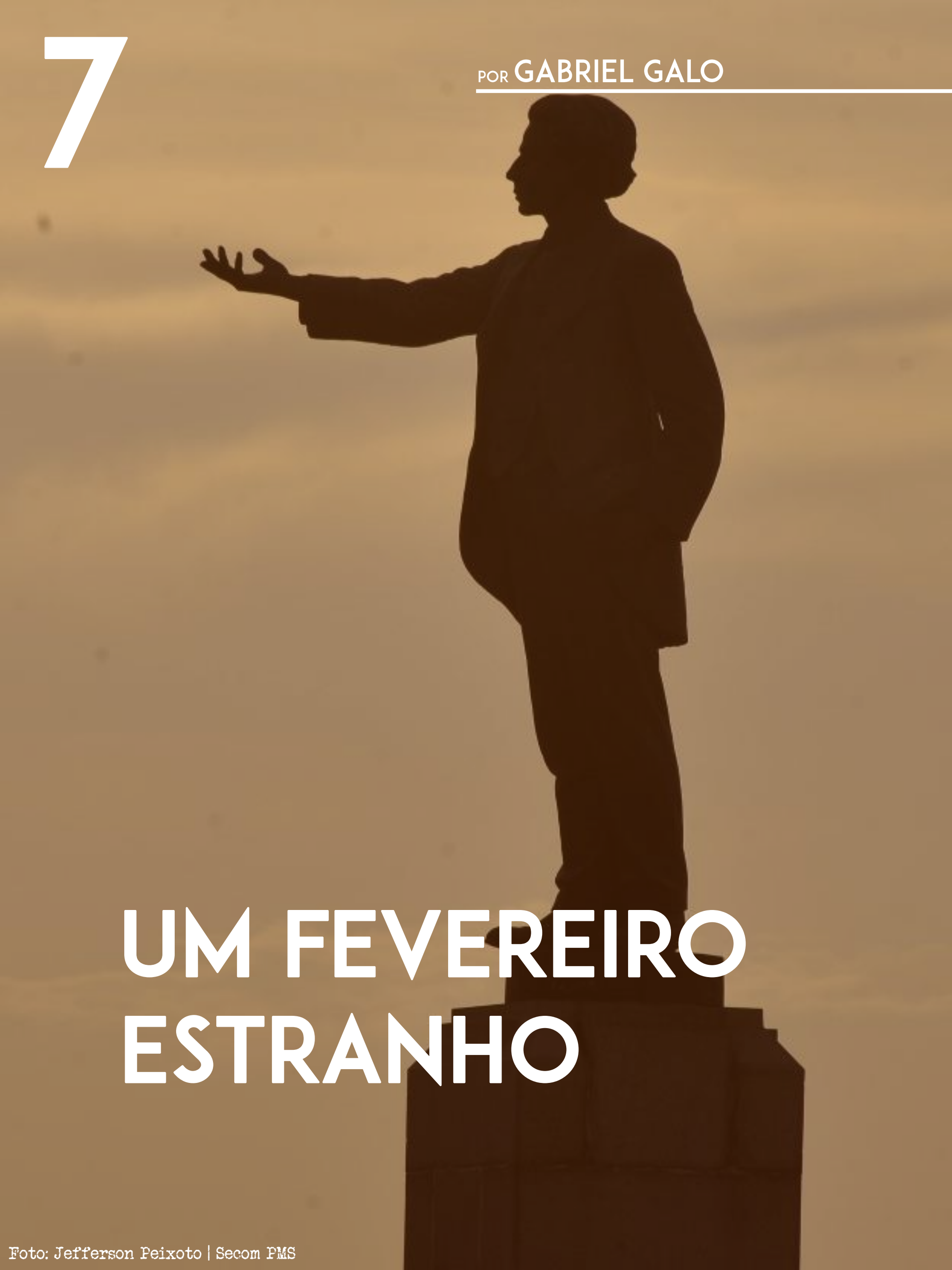
_ FUTEBOL

59 O atraso do futebol brasileiro
(Artigo por Gabriel Galo)

62 Vardemá, papuru, Interior de Ibiúna
(Crônica por Eduardo Galduróz – Aquele Galduróz)

7

POR GABRIEL GALO



UM FEVEREIRO ESTRANHO

Foto: Jefferson Peixoto | Secom PMS

E NÃO APENAS FEVEREIRO

Peço desculpas pela delimitação da estranheza a apenas um mês deste 2021. Afinal, faz tempo demais que o sentimento geral é de estranheza.

Mas é que as válvulas de escape foram travadas, deixando um país sem opção de fugir da realidade rumo à fantasia e à esbórnia.

O absurdo da realidade fica mais palatável quando nos entregamos ao inverso, quando diluímos o sofrimento do real em dias de festa sem compromisso.

Diz a canção de domínio público imortalizado em vozes potentes como a de **Maria Bethânia** e de **Dona Edith do Prato**, num samba de roda baiano que tem ressonância direta nas cadeiras:

"Trabalhei o ano inteiro
trabalhei o ano inteiro
na estiva de São Paulo
só pra passar
fevereiro em Santo Amaro"

Pois neste 2021 não teremos
nem fevereiro, nem Santo Amaro.

Sem o Carnaval, resta apenas o cheiro terrível da realidade que une inflação, desemprego, aviso de despejo, insegurança e desesperança.

Carnaval em fevereiro é remédio contra a ressaca do real. Vivemos, sem eles, num vácuo de vida, habitado por um excesso de nada.

Sem o contraponto da catarse coletiva, o cotidiano é peso tanto que transforma o tudo em nada. Vive-se a experiência máxima da contradição, da aceitação subserviente. Viramos peças de uma engrenagem de moer gente e almas, entregues, no melhor cenário, ao sonho de consumo da vez. Mas em geral, vive-se para, com sorte e muitos pulos, numa gambiarra inexplicável de correrias pra descolar o do gás, fechar o mês com um negativo que não tire o sono.

Fevereiro existe para fazer essa máquina ter sentido. Para que o ano se reduza a questões práticas e desimportantes de sobrevivência, para, enfim, desfrutarmos da vida sem amarras sendo mais um na multidão.

Malditos aqueles que nos tiraram o fevereiro. Há profunda maldade na extensão da pandemia interminável, em que vacinas são trocadas por curas milagrosas e pensamento positivo.

A cultura da homeopatia, dos óleos essenciais, dos coaches de vida, dos livros de auto-ajuda com foda-se no título venceu.

Assim, vemos negros se virarem contra negros para se mostrarem mais negros e mais certos.

O Centrão embarca com peso no governo mais nefasto que já tivemos – mais até que a própria Ditadura.

Não tem mais como olhar para o lado e ignorar, pelo menos por uma semana, que o presidente da Câmara é um obscuro ente do mais baixo clero, criminoso que mantém cargo e status porque o sistema permite e encoraja falcatruas.

Aqui, preso na estiva de São Paulo, embora não passe fevereiros em Santo Amaro, anseio pelo fevereiro de todo ano. Este, não o quis.

Tal qual o dilema do verdadeiro escocês, este não é o verdadeiro fevereiro. Não mesmo.

Nessa edição #11 da **Papo de Galo_ revista**, o **Carnaval** é a pauta principal. Mas vamos fugir um tantinho assim da forma tradicional que muitos vão dar à festa-que-não-vai-ter.

Não vamos falar dos significados do Carnaval para o povo brasileiro; contar histórias em literatura guardada; vamos inverter a lógica dentro do possível, fazendo troça de quem faz troça do carnaval, enquanto no escondido do quarto, vasculhando as fantasias de anos passados, derramamos uma lágrima de saudade pelo glitter que ainda resiste.

É como bem escreveu meu amigo e parceiro de letras **Alexandre Lyrio**,

"AO MORRER, MEU MAIOR MEDO NUNCA FOI O DE NÃO EXISTIR VIDA APÓS A MORTE. O RECEIO É DE QUE TENHA VIDA, MAS NÃO CARNAVAL. NÃO FAZ SENTIDO ALGUM EXISTIR SEM PODER FESTEJAR O FATO DE ESTARMOS VIVOS."

Do Carnaval seguimos para o BBB, essa aberração que nos persegue, por mais que tentemos dela nos isolar.

Isso porque estamos visualizando um lado amedrontador, que é absolutamente humano, mesmo que tentemos nos convencer que certos meios são puros em ação e em intenção: a revolta entre iguais por uma autoproclamada superioridade moral, que não está fundamentada em conhecimento nenhum, apenas no levantamento de bandeiras de argumentos autoevidentes de superioridade incontestável.

Assim, ligaremos o patrulheiro de fantasias, o fiscal do carnaval alheio, ao fiscal de vida alheia, que não é exceção, embora alguns insistam que estes são exceção, que não são os "verdadeiros representantes" de um dado grupo.

Apois: é o dilema do escocês de novo.

Vamos raspar no Palmeiras e sua esquecível participação no Mundial de Clubes e mais, muito mais. Tem crônicas, contos, ensaios, artigos, opinião. E um desejo latente de que devolvam o nosso fevereiro.

Boa leitura.

FEVEREIRO UM DIA

FOI ASSIM.

Atemporal.

- Eu conheço aquele ali! Demiti ontem.

Angeli.

Folha de S.Paulo, 23 de fevereiro de 2009

POR GABRIEL GALO

QUESTÃO DE IDENTIDADE

Foto: Fernando Maia | Riotur | Divulgação

A manhã de quinta-feira, dia 11 de junho de 2020, amanheceu habitualmente fria e com neblina em Santana de Parnaíba, cidade na região metropolitana de São Paulo. O seco quase inverno paulista garante dias quase iguais.

Mas aquela quinta-feira de 11 de junho tinha tudo para ser diferente.

Corpus Christi é evento para o qual os moradores se preparam e se enchem de expectativas. É tradição na cidade, que tem um orgulho um tanto torto de ser o berço dos bandeirantes, que no dia de Corpus Christi as ruas do Centro sejam enfeitados por um tapete feito de serragem. O esforço é coletivo. Partições do tapete são destinados a fieis para que estes pintem as imagens bíblicas e mensagens que lhes aprouverem.

O resultado é belo e atrai muita gente, que se aperta no que resta de rua e calçada para ver os desenhos. Nas ruas anexas, barracas de comida, restaurantes lotados, ambulantes aproveitam para descolar uns trocados.

No fim da tarde, uma procissão liderada pelo padre da Igreja Matriz caminha sobre a arte, celebrando a eucaristia, se alimentando das imagens no tapete, transubstanciando símbolos para que cada um no caminho se torne efetivamente sangue e corpo de Cristo.

Mas a manhã daquela quinta-feira amanheceu tal qual uma terça-feira qualquer do quase inverno paulista. Nas ruas não se assistia e se ouvia o burburinho dos artistas da madrugada, finalizando suas obras e vendo o crescer do fluxo de gente para que, enfim, descansem com a tranquilidade do dever cumprido e a segurança confortável do senso de pertencimento.

Na fria e enevoada manhã de 11 de junho de 2020, um elemento crucial da identidade de toda uma gente foi extirpado. E assim a pandemia prolongada vai provocando sequelas para além do físico e da saudade: vai nos minando a identidade.

Foto: Danilo Verpa | Folhapress

E talvez não haja evento coletivo mais símbolo e apoteótico para o brasileiro que o Carnaval. Reduzo a dúvida à afirmação inequívoca: sim, São João é mágico, tem gente que não gosta de ajuntamento, a Folia de Reis e as festas de boi têm valor simbólico superior em rincões do Brasil, cidades se especializam em intensificar festas de largo ao gosto do que estiver à mão, mas nada tem as proporções de números, imagem e relevância do Carnaval.

Quando se contrapõe esta realidade aos anseios moralizadores e limitantes que o atual governo busca impor ao brasileiro, construindo um ideal profundamente racista e retrógrado de povo teocrático, é de se alarmar os desdobramentos da visão fúnebre quando vagamos, almas penadas, pelas ruas que uma vez contiveram a alegria e a subversão em seu ponto máximo.

Estaríamos, pois, vivendo sob a regência de quem impõe um regramento de **violência identitária militar**, que age para **quebrar o espírito individual** e forçar a rendição de um ser oco, que vai buscar o preenchimento nas verdades incontestáveis do alto comando da nação.

Como afirmou meu amigo, o jornalista **Alexandre Lyrio**, entusiasta das festas populares, "não faz sentido algum existir sem poder festejar o fato de estarmos vivos."

A morbidez da pandemia propositalmente descontrolada faz com que, além do espírito individual quebrado e da identidade coletiva surrupiada, está no fato de que celebrar o fato de se estar vivo agora, quando centenas de mortos caem, parece insensível demais.

O alento, se possível, vem da própria história.

Desde sempre, vivem-se tentativas de repressão de expressões populares em via pública. E invariavelmente, encontra-se um jeito de burlar a opressão. Invariavelmente, a catarse coletiva não pode ser contida. Enquanto houver brecha, há possibilidade.

Lá na frente, se ainda formos na individualidade, seguramente voltaremos a existirmos no sentido de celebração incontida da vida.

A alegria voltará.

Eventualmente sem a pompa de antes, porque a escassez de recursos provoca ajustes.

Mas a explosão será promoverá a retomada dos novos tempos, num Big Bang redefinidor do universo. Para quem duvida do tamanho do impacto, notícias do pós-gripe espanhola de pouco mais de 100 anos atrás mostrou como o sentimento represado pode descambar para a baderna.

Mas Carnaval não é exatamente isso? Nos soltamos na mesma medida da pressão das amarras que nos prendem à ditadura do cotidiano.

Renasceremos, pois, na retomada da sanidade, quando tudo o que se faz realidade será deixado de lado quando fevereiro chegar.

Canta a música dos Los Hermanos que todo Carnaval tem seu fim.

Até então, esta afirmação partia do princípio que sempre haveria Carnaval. Vivemos neste 2021 o baratino de ver que nem todo Carnaval tem seu começo.

Ah, Carnaval...

Você vai voltar, eu estarei lá, os meus estarão lá comigo, e poderemos, em conjunto, na união em transe, remontar os resquícios das identidades quebradas, adicionando pedaço a pedaço para a completude do ser se faça novamente fato.

Até lá, lidarei como puder com sua ausência, lutando bravamente para não me render de espírito quebrado aos desmandos de quem o vê como entretenimento sem sentido, preservando sua raiz em minh'alma. Só assim poderei reconstrui-la.

Atemporal.

Angeli.

POR GABRIEL GALO

A DROGA DA ABSTINÊNCIA

Arrumando os espaços para uma mudança de casa que se avizinha, encontrei um saco acabrunhado, meio amassado no fundo da gaveta.

Abri curioso, tentando puxar pela memória o que era. E ao fazê-lo, pulou sobre mim, tal qual a caixa do palhaço que solta a cobra num susto alegre, as lembranças de carnaval passado.

Em meio ao conjunto completo das roupas da inversão, no que seria uma afronta às Lumenas da vida – descansa, patrulheiro –, jaziam pontos luminosos, como um universo particular, um mundo paralelo escondido numa sacola no fundo da gaveta.

Porque, na rua, no meio da multidão, com o trio explodindo tímpanos e desinibindo até a mais beata das pessoas, fantasiado leitor, saudosa leitora, tudo é divino, tudo é maravilhoso. E a gente cai na farra como se não houvesse amanhã, mas a sina da quarta-feira deveria rebatizá-la pelo nome correto: quarta-feira de glitter.

O retorno do Carnaval que teve fim inicia uma saga impossível, de uma lembrança que nos pega por debaixo da pele: nos livrarmos dos resquícios de purpurina.

É que o glitter, embora nunca centro de propaganda patriótico-ufanista, é brasileiro e não desiste nunca.

Lavamos o rosto uma, duas, mil vezes. Nada. Ele ali, irredutível. Passamos sabão, esfoliamos, raspamos com a unha. Qual o quê: dali ele não sai, dali ninguém o tira. Rosto é só o primeiro passo: tem o resto inteiro ainda.

O processo é árduo, pois estamos diante de um inimigo mais forte que a gente. Sabemos que talvez nunca sejamos capazes de vencê-lo, e ele vai permanecer, como a nos rememorar do Carnaval que falta um ano mais.

Intercalamos risos e xingamentos, porque a batalha é tanto patética quanto ridícula.

Foi só muito tempo depois, quando o Carnaval já era uma vaga lembrança, que os últimos heróis da resistência se despediram de meu alongado corpo, mesmo alguns ainda tenham se escondido em pelos que, se virados para lá em vez de pra cá, se tornavam marquises para o indesejado.

Até eu descobrir que, na verdade, eles não foram vencidos, mas sim se amotinaram na danada da sacola sem identificação, com roupa de fazer corar os fiscais do Catraca Livre, aqueles com a carteirinha de autorização para uso de fantasia, habilitados pelo vídeo do pode-não-pode – essa aberração importada de americanos, que se baseiam no famigerado e historicamente violento, silenciador e racista *black face*, mas que compramos por cá sem nos preocuparmos com a tropicalização da essência, e assim multiplicam absurdos que são tiros no pé da militância.

Havia um universo ali de pontos coloridos, que esperavam apenas pela claridade mínima para brilhar, atores de um Carnaval que parece há tempo demais.

Lançaram em conjunto as memórias, e uma voz sussurrou no meu ouvido: decifra-me ou te devoro.

Sem desejar ser abduzido para dentro da sacola – sabe como é, tenho uma mudança para fazer e não seria correto deixar tudo para minha mulher organizar – fitei o interior, em que os brilhantes sassaricavam ao som de marchinha qualquer.

Tremendo a tremedeira da abstinência, sem pensar, enfiei o focinho e traguei lânguido as sensações que ali insistem em acampar. Revivi os dias de antanho com saudade.

Agora, vez ou outra, no feriado de um Carnaval inexistente, retorno à sacola que se não me devorou, me domina.

Danado esse glitter. Aprendi a lição: o que é imortal não morre no final.

BOM, PASSOU O CARNAVAL, DE VOLTA AO TRABALHO!
...O QUE É QUE EU FAZIA, MESMO?
.....
...CHEFE!
QUE...
...NADA...

21

POR GABRIEL GALO

Ó O GELO!

Quando eu ainda carregava o chassi de grilo dos meus 13 anos de idade, acompanhado de um motor sem qualquer maledicência para entender o que estava acontecendo nas entrelinhas, conheci a figura que, para mim, até hoje, é a mais respeitada do carnaval de Soterópolis.

Contextualizo.

Celina, comadre de minha mãe, tinha apartamento no edifício Plaza, em pleno Campo Grande, pertinho do Forte de São Pedro, por onde passava o hoje revitalizado circuito do Centro, até então único, não tinha esse negócio de Barra/ Ondina. Bicho pegava era ali. E, claro, tinha o Pelourinho que o Olodum invadia na sexta, coisa que nunca vi nem vivi, eu só ouço falar. O ano era 1996, e ali na frente passaram todos os artistas que importavam na época, gente do quilate de Chiclete com Banana, Daniela Mercury, Timbalada, Asa de Águia, Cheiro de Amor e Netinho.

A corda ainda não era essa formalidade toda, ia muito bloco solto.

Lembro do barato que foi quando a Mudança do Garcia passou, seus jegues reciclados da Lavagem do Bonfim, cheios de mensagens e uma alegria contagiante. Em cada intervalo dos trios, entre o que já foi e o que daqui a pouco passa, lá saíam todos para o meio da avenida, em especial meu pai, que em nada se avexava pela presença de amigos, comadres, mulher e filhos, e distribuía cantadas às polpudas morenas que lhe cruzavam a vista.

Era uma situação que, está óbvio agora, eu não tinha maturidade, pêlos no corpo e malandragem para entender. Mas era lindo! Gente mijando para tudo quanto é canto, beijos na boca distribuídos como se fosse bom dia, e um sol de rachar na cabeça.

Foi quando me deparei com inúmeras situações para formar a certeza que permeia o meu entendimento de quem é que comanda a hierarquia carnavelesca soteropolitana.

Não, não era o pequeno grupo de policiais militares que passavam em ronda eventual, quando a gente ficava quieta e fazia cara de não-fiz-nada. Também não eram os cordeiros, que separavam os que podiam dos que não podiam. Muito menos eram as morenas polpudas, que atraíam tantos olhares e gracejos e tinham para si a oportunidade da escolha, pegando o selecionado pela mão, e saía o casal para consumar seu amor.

Não e nécaras.

Vi uma, vi duas, vi milhares de vezes a cena.

Não importa o momento. Podia estar trio passando, couro comendo, chinela cantando; para eles não tinha hora errada. E povo respeita, porque quando se trata de item de primeira necessidade, a gente atende ao apelo:

— Ó O GELO!

E passava a criatura com saco de gelo no ombro, à procura de repor seu isopor. No trajeto, povo abrindo que nem trânsito para ambulância do SAMU, uma lindeza.

Baiano dando passagem é sinal de que a pessoa cresceu na vida.

É celebridade.

Porque a vida pode ser dura o ano inteiro, mas, não estraguem a minha cerveja em pleno Carnaval!

Um dia vou fazer um experimento. Pegar aquele trânsito lascado de fim de dia na Paralela, colocar um autofalante em cima do carango e sair gritando "Ó O GELO!", e observar todo mundo abrindo caminho de sorriso no rosto, abrindo o vidro e já gritando:

— É quanto a piriguete, mô pai?
— 3 por 10.
— Pronto. Vê logo 6 que a viagem é longa.

Vou ficar rico.

POR GABRIEL GALO

A FOLIA DO UNIDOS DO LINKEDIN

Acalmem-se, criaturas.

Antes de tirar conclusões precipitadas, porém potencialmente verdadeiras, deixem-me amaciar o bife.

Respirou fundo? Pronto.

Eu, apesar delas precisar, sou um pouco avesso ao mundo das redes sociais. Elas foram segmentadas, a do mundo cor-de-rosa cheio de falsidades, a do encontro de senhoras e senhores reaças, a do caos absoluto, até meteram uma nova por agora, porque não bastasse ser chato ouvir áudio de Whatsapp – imagine um podcast, mas derivo – tiveram a ousadia de meter uma que é quase uma grande mesa de boteco coletivo, mas sem a cerveja, o garçom gente fina, o petisco e o tapa na mesa pra soltar aquele "aí é que tá", que recoloca o planeta nos eixos.

E tem aquela outra rede monotemática, do mundo corporativo empreendedor, carregada de mensagens de autoajuda, positividade tóxica, roubo de textos, videozinhos para aumentar engajamento e de geradores de conteúdo gerando conteúdo para você aprender a gerar conteúdo, num ciclo infinito de nada sobre tela.

Tá, você percebeu: eu não gosto do tal do LinkedIn. Especialmente durante o período pré últimas duas Copas do Mundo. Porque proliferaram, dentre os empreendedores topzera, CEOs de MEI, as mensagens de repúdio ao evento, e clamando o povo a continuar trabalhando, a produzir, a gerar riquezas para o país.

Se já dizem trabalhem enquanto eles dormem, imagine o que não dizem enquanto os outros se divertem? Então.

Ranço define.

Liderados por certo economista-show, a horda projeta no outros a própria incapacidade de se divertir, sempre com um ar de superioridade sem fundamento. RH adora, genitálias tesas e/ou escorrendo, olha ali um exemplo de profissional ideal!

Odeio.

E tá lá o povo emocionado, fazendo feita e mais rasa as reservas da Cantareira copiada de perfil do Instagram, pruns baterem palma e falarem, "lindo, o Brasil precisa de gente como você".

Profissionais.

O Carnaval é época especial para a superação da postura de quem 'trabalha e não descansa'. Reclamam do feriado, dos negócios fechados, do impacto da economia.

Porque, meu amigo, não basta ser um ignorante social, um asno histórico, uma besta comportamental. Tem que se superar mesmo na burrice.

Neste 2021 de um Carnaval que não teve, a imprensa bombardeia notícias e levantamentos, em modernos e estilizados infográficos, o buraco financeiro desastroso provocado pela... ausência do Carnaval.

Valei-me, minha nossa senhora da ignorância.

Aí percebo que esta gentinha, que tem nojinho de glitter e acha aglomeração uó, é que nem cachorro correndo atrás da roda do carro.

Late, baba, ameaça, mas quando o carro para... Não faz a menor ideia do que fazer, nem vê sentido no ato em si.

(Aliás, peço perdão por comparar este bloco de infames a cachorros, que, como vimos na edição #10 da revista, são melhores que muita gente que eu conheço. Não mereciam tão desonrosa régua, os bichinhos. Me perdoe, Luísa Mell.)

Porque agora que o Carnaval não veio, e que a economia patina, Covid-19 segue matando milhares ao dia, e que o discurso que faz parte de um imaginário concurso de empreendedor-mor, estão todos caladinhos, pianinhos.

O cachorro chegou na roda do carro e agora retorno com cara de besta para o ponto de partida. Não vai demorar e vão inventar outro carro pra latir.

Porque o importante não é fazer sentido, mas sim vender mentiras apelando a um sentimento generalizado de frustração profissional.

Agora viram o mundo-sem-folia da utopia.

Pois me digam: que merda, né? Eu avisei.

A CRISE? SIM, ESTÁ AÍ NO MEIO, EM ALGUM LUGAR.
©LAERTE

POR GABRIEL GALO

SEU PONGA

Ganhou esse apelido pela habilidade que tinha para subir no bonde. Franzino, pongava sem perder a compostura, pose de malandro retido, sem bagunçar nem a cabeleira parafinada nem o fino bigode nem o terno de linho.

Hoje, já beirando os 90, nem bonde vê mais passar.

Ele conta, com olhos saudosos, de seu tempo. Do carnaval de rua, das marchinhas. E principalmente das charangas, que formavam a alegria da folia de antanho.

Diz-se que Seu Ponga esteve na formação original da primeira charanga do Rio de Janeiro, a Bonde da Teresa, que subia pela linha o morro de Santa Teresa a soprar sucessos. Informação esta que não pode ser verificada por qualquer registro histórico a não ser a memoria do senhor que ainda ostenta um fino bigode, embora a parafina há muito tenha sido aposentada e o terno de linho tenha sido abandonado por roupas de algodão mais confortáveis. Nunca houve quem ousasse contestá-lo, e a verdade se impôs, espalhada pelo boca a boca da intimidade da vizinhança.

Tocava trombone, que afirma ter aprendido a soprar com Pixinguinha.

— Quer professor melhor que esse? Complicado era ter aula com ele sóbrio.

Na levada da mitologia que se constrói no superlativo das narrativas, quem teve o privilégio de ouvi-lo diz que superou o tutor.

Vive num apartamento em cima de um café-boteco na Lapa carioca. Quando adentra o humilde recinto comercial, cotidiana e religiosamente, a franzina figura é reconhecida imediatamente, para grande festa de todos que ali estão, que fazem fila para cumprimentá-lo:

— Dá-lhe, seu Ponga! O de sempre?

E servem uma dose de cachaça com mel, virada duma vez, sem nem pestanejar ou precisar pagar.

Na proximidade da grande festa da inversão da realidade, o tom das conversas vai assumindo ares de expectativa.

— E o Carnaval esse ano, seu Ponga? A charanga sai ou não sai?

Apesar da ausência como tocador, Seu Ponga é visto como referência para a ressurreição dos antigos Carnavais, onde outrora a vida era mais simples e muito mais dura.

— Difícil, meu filho. Tenho mais saúde pra isso, não.

Faz quase 15 anos que seu Ponga realmente não tem mais saúde para tocar. Principalmente no Carnaval. Foram muitas décadas subindo os morros de Santa Teresa com sua charanga. Os pés doem, os joelhos não suportam mais ladeira, e os pulmões estão debilitados pelo cigarro fumado desde os 11 anos de idade.

Mas neste ano, vejam só as coincidências desta vida, completa 90 anos de vida em pleno sábado de carnaval. Empolgado, tendo já vivido para acumular hora extra, decidiu que se apresentaria uma última vez, em seu aniversário, na sua Santa Teresa, na charanga que o aceitasse.

Pediu ajuda, monitorou aquelas que tocariam. Acertou conversa via essas tecnologias que nem conhecia, quanto mais dominava, mas na corrente de prestativos ajudantes, encontrou guarida. No dia ta, carro passou logo cedo para levá-los, ele e seu saxofone, que não via ar fora da case de veludo desde há muito.

Na noite, limpou, lustrou, benzeu. Mesmo depois da limpeza, viam-se no instrumento as manchas do tempo, uma ferrugem aqui e outra ali e mais uma acolá, o metal manchado e um descolorido, ranhuras que o tempo preservou como memória. Na manhã, conferiu, benzeu pra garantir e seguiu de carona.

Quem veio ter com ele foi Hamilton, líder da charanga que sairia antes das 9 e iria até o último cliente. Pôs-se o jovem de posto e de poste a acompanhar o senhor de joelhos gritando e passo vagaroso pelo trajeto. Seu Ponga segurou no braço do novo amigo, e foi caminhando pelas estreitas ruas de paralelepípedo do bairro.

Dali a um tempo, resolveu dar nova chance ao bocal.

Hamilton tomou a frente e pediu silêncio. Bradou que o mestre do verdadeiro carnaval carioca, o dos bairros, o dos travestidos, o das marchinhas, o da vida de então!, iria tocar de novo depois de 15 anos!

Quanta honra!

O povo gritava eufórico “Seu Ponga! Seu Ponga!”

Alguns, desavisados, perguntavam:

— Quem é esse Seu Ponga?

— Sei lá, mas deve ser importante.

Seu Ponga, então, subiu nos degraus de um casarão, fez-se visto. Incrível, mas nem um pio se ouvia. Sorriu em despedida, e levando o instrumento à boca, o único sopro que se ouviu foi o de adeus.

Pongou no bonde que cruzava ali perto, sem perder o molejo, nem a fineza do bigode, nem um pro lado do cabelo engomado, sem nem amassar um teco do terno de linho, e foi recebido com alegria pelos grandes do carnaval carioca de priscas eras, ali logo depois dos arcos da Lapa.

— Este carnaval... Não é mais o mesmo, hein, Ponga?

— Não. Mas continua lindo.

POR GABRIEL GALO

TÔ ME GUARDANDO PARA QUANDO O CARNAVAL CHEGAR

Foto: Helyana Manso

Quem me vê higienizado e distante garante que eu não sei sambar.

***

Menos dia, será de novo carnaval. As máscaras subirão aos olhos, deixando bocas livres para o canto e para o beijo. Todo não-viver será redimido. Rolaremos cães na sarjeta, abraçaremos desafetos. Um vagamundo será aclamado rei de toda gente. Alguém gargalhará, soará uma tuba, tocarão Caetano, a Mangueira passará e tudo vai ser Bahia e Pernambuco. Uma cornucópia, um desbunde, um não-se-conter.

Porque menos dia será de novo carnaval.

E menos dia não mais.

Menos dia, nossa poesia amanhecerá quarta-feira. Apressaremos na calçada, amassando o capim que nasce entre concretos, e o ônibus se atrasará. Um pouco, não muito. Desconhecidos não retribuirão nossos sorrisos, porque não sorriremos a desconhecidos. O relatório será entregue no prazo, uma vaga noção de utilidade nos aberrará o espírito.

Menos dia, será meio de ano, um domingo feriado. Não haverá volúpia nem cotidiano. Passará o ônibus, um tanto adiantado, Caetano cantará, um pouco desafinado, um vagamundo tentará dormir entre pedras. Estaremos desarmados, distraídos, quando, da parede que insistimos em não olhar, nossos mortos finalmente nos chamarão à fala. E o simples ato de estar vivo soará tão grotesco quanto um solo de tuba na quarta de cinzas.

Quanto uma aglomeração de pessoas que só têm em comum o fato de estarem sozinhas.

Conta Natalia Ginzburg que, terminada a segunda guerra, todos se tornaram poetas. A poesia se fazia necessária, era urgente colher os versos tanto tempo proibidos pelo fascismo. E a colheita foi tão larga, houve uma tal embriaguez de palavras, que, em certo ponto, elas deixaram de fazer sentido, e seguiram-se tempos de ressaca e desânimo.

Talvez seja assim.

Ontem, confinados, cantávamos e tocávamos instrumentos de nossas sacadas, com a sofreguidão de quem conta piadas em um velório, urgentes de vida. Amanhã, livres, cantaremos e tocaremos na rua, urgentes do próximo, enfastiados de mortes. Depois, essas mesmas mortes nos encontrarão: desavisados, nauseados, e dançaremos sambas absurdos, festejaremos nossa intangível melancolia, enfastiados de nós mesmos.

Até que, menos dia, um solo de cavaquinho surja, e nos roube um sorriso besta, solitário primeiro, depois compartilhado, quem sabe. Até que do concreto da calçada nasça uma tímida flor amarela de carnaval.

Fotos: Gabriel Galo | Papo de Galo

2022
VOÇÊ NÃO PERDE POR ESPERAR.
EU É QUE PERCO.
ATÉ LÁ.

Galo Preto @ Santana de Parnaíba/SP

35

POR GABRIEL GALO

OPRIMIDO OPRESSOR: O LADO SOMBRIO DA MILITÂNCIA

Confesso que eu tento me manter afastado do BBB de todas as maneiras. Pouco me importa os dilemas provocados por um confinamento pensado para desestabilizar pessoas e levá-las a cometerem impropérios variados em nome do entretenimento. Regozijar-se do sofrimento alheio nunca foi do meu agrado, não seria agora, mais maduro, que haveria de ser diferente.

Mas o que se viu nessas primeiras semanas de confinamento me chamou à atenção. Em detalhe, a forma como **Lumena Aleluia**, **Karol Conká**, **Nego Di** e **Projota**, todos negros, se postaram diante de **Lucas Penteado**, também negro, sempre de maneira inquisidora, julgadora e violenta.

Numa casa em que os residentes temporários, atraídos pela possibilidade de embolsar o prêmio final de um milhão e meio de reais, além dos inúmeros prêmios durante o programa, a Globo parece ter atraído o que de pior existe por aí. Se o objetivo era impulsionar audiência pelo televisionamento do absurdo, **Boninho**, manda-chuva da atração, conseguiu.

SOBRE LUGAR DE FALA

O Youtuber e publicitário Spartakus lançou vídeo em sua conta do Instagram em que fala com profundidade sobre lugar de fala. Ele diz:

"O fato é: ninguém tem autoridade para falar de racismo só porque é preto. Porque lugar de fala não significa autoridade, e sim ponto de vista."

O conceito sobre lugar de fala está explicado no livro "O que é lugar de fala?", de Djamila Ribeiro, muito comentado, pouco lido e menos ainda compreendido.

Nele, Djamila afirma que lugar de fala é a percepção individual vivida por diferentes pessoas, em uma mesma experiência. E essa percepção vai variar de um grupo para o outro. Mas, conforme o livro deixa muito claro, **TODOS TÊM LUGAR DE FALA**. Contudo, historicamente, apenas um ponto de vista é dominante, tem mais visibilidade e respeito em qualquer cenário. Assim, o livro incentiva que as diferentes realidades sejam ouvidas e pesadas em igualdade de aceitação do argumento.

Continua Spartakus, "como a própria Djamila diz no livro, isso não tem nada a ver com uma visão essencialista de que só o negro pode falar de racismo. Porque o lugar de fala não significa que a pessoa está certa só por fazer parte do grupo oprimido. Ter lugar de fala não significa saber o que está falando. (...) estar na condição de oprimido não significa automaticamente ter consciência de como funciona a opressão."

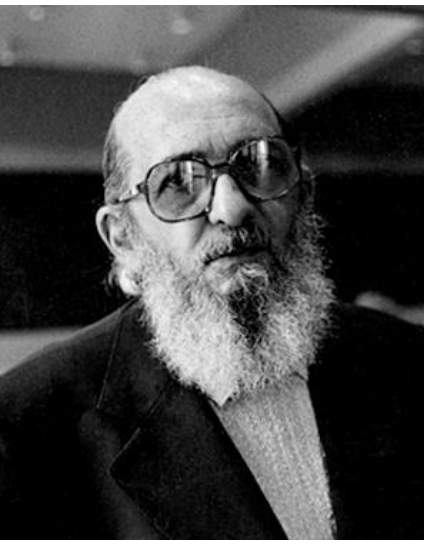
Para muitos, porém, a vestimenta da militância identitária é vestida como argumento de autoridade inquestionável. Mas como Spartakus afirma no vídeo, "a luta é por igualdade, não por supremacia."

Então por que tantos seguem o caminho da opressão, com dedo em riste e propondo servilidade a um igual, fazendo da militância um trono ao qual se autoproclamaram rei ou rainhas?

Para tanto, vamos falar de Paulo Freire e de psicologia.

OPRIMIDO OPRESSOR

Uma das obras mais importantes de **Paulo Freire**, "Pedagogia do oprimido" tem uma das frases mais celebradas na educação.



"QUANDO A EDUCAÇÃO NÃO É LIBERTADORA, O SONHO DO OPRIMIDO É SER O OPRESSOR."

Freire apresenta no livro o conceito de educação bancária. Berenice Darc, diretora do Sinpro-DF explicou o que isso significa:

"Educação bancária é exatamente uma educação na qual a relação entre as pessoas – entre professor e estudante – acontece numa perspectiva vertical. De um professor que tem saberes, conhecimentos, alguém que sabe tudo, e de um estudante que nada sabe, em que a experiência de vida e a perspectiva de vida do estudante não é colocada em movimento."

Logo, de acordo com Freire, na educação bancária o estudante é um receptáculo passivo do conhecimento que vem de cima para baixo e que não aceita questionamento, pois há uma autoridade estabelecida.

Percebe-se, pois, a partir desta visão de Freire, que Lumena, com seu dedinho apontado, fala empolada e postura arrogante, é fruto exato dessa educação bancária. Na figura de professora, ela assume a cadeira de opressora, pois esta é a relação de poder e dominação que aprendeu ser a correta.

Mas Lumena e todos os outros, foram além.

Além da autoridade sem fundamentos, agiram de maneira violenta e extremamente repressora. E a psicologia aventa caminhos que levaram a esta explosão.

ESCONDERIJO DAS PRÓPRIAS FRAQUEZAS

Contardo Calligaris, psicanalista e colunista da Folha de S.Paulo, é uma das vozes mais ativas sobre como a violência da repressão que alguém impõe é diretamente proporcional à dificuldade que tem para reprimir certos impulsos. Ou seja, quando alguém comete um crime de homofobia, o criminoso luta contra um desejo interno que necessita ser reprimido. E quanto maior o desejo, maior a violência.

É fácil encontrar inúmeros casos que corroborem esta tese. Sarah Palin, ex-governadora do Alasca, nos EUA, e candidata a vice-presidente na chapa de John McCain em 2008, sempre foi voz das mais ativas contra o aborto, mas não foi capaz de esconder ter feito ela mesma um procedimento abortivo.

Na Hungria, um deputado de partido de extrema-direita, conhecido por suas falas homofóbicas, renunciou ao ser flagrado numa orgia gay.

No Brasil, pastores evangélicos cobram celibato de fieis, mas têm lista extensa de amantes na congregação.

A própria maneira que a esquerda progressista tem de atuação indica este caminho. Afeita a construir pedestais para autopromoção de virtudes, é conclusão possível que ao assumir a posição de opressores violentos do comportamento alheio, os participantes esteja apenas escancarando os fantasmas que tanto lutam para conter.

Ao se absorver esta via, cria-se um paradoxo: para quem conhece os meandros da mente, a tentativa mais árdua de esconder fraquezas é a forma mais segura de exibi-las em sua intensidade.

MULTIPLICAÇÃO DA DOR

Outra vertente, não necessariamente excludente à anterior, é a de que a experiência traumática vivida por alguém faz com que ela sinta, mesmo inconscientemente, a necessidade de perpetuar a dor para que a experiência vivida não perca relevância.

Em um ambiente em que a esquerda progressista bate cabeça entre si, adotando perfil desagregador em vez de conciliador, esta é também conclusão viável.

Funciona assim. Suponhamos que você tenha vivido uma situação traumática que deixou sequelas. Agora, imagine que no mundo inteiro, somente você viveu esta dor. Ao contá-la, mesmo com minúcia de detalhes, ninguém poderá entendê-la por completo, porque vai estar muito fora da realidade que todos estão inseridos.

Sabe a dificuldade de alguém da periferia conseguir explicar o que significa uma abordagem policial de madrugada a alguém de área nobre?

É o mesmo conceito que baseia filhos que apanharam dos pais quando crianças, e agora, na condição de pais, perpetuam a dor batendo nos filhos, e escondendo a covardia no argumento pífio de que “eu apanhei e tô aqui até hoje.”

O medo é o de que, ao conciliar, ao contribuir para a redução sistêmica da origem do trauma, aquilo que tanto machuca e tanto define alguém pode perder relevância, ser elemento quase incompreensível.

Assim, multiplicar a dor significa uma tentativa desesperada de atrair outros para a sua própria dor, para sua própria ferida nunca cicatrizada, para tornar a vivência tão substancialmente transformadora em algo tangível ao outro.

Perverso, decerto. Mas é também apelo de quem está perdido.

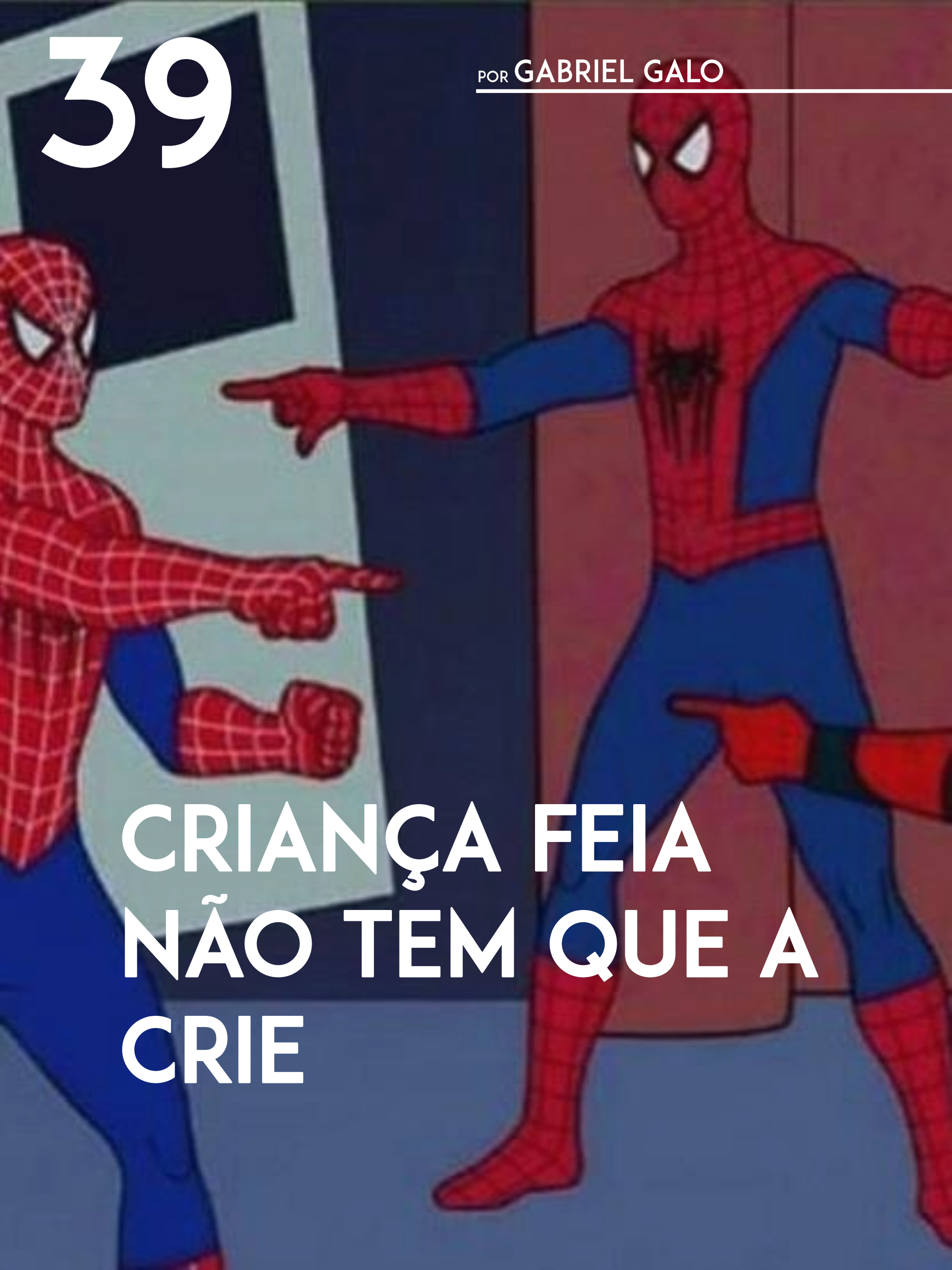
E AFINAL?

Mesmo que se pesem as circunstâncias, a educação bancária, a busca pela superioridade moral para esconder fraquezas, a necessidade de multiplicação da dor para reavivar significância de traumas passados, o cerne entre maldoso e criminoso persiste.

Há dolo, há consequências. Há certeza da validade das premissas autoevidentemente boas de suas ações. Esquecem, porém, que as maiores atrocidades da história foram cometidas por gente que tinha crença inabalável de estar fazendo o certo.

Por isso, em alguns momentos, entendo até que o caminho da análise segue outro rumo, um em que se questiona o caráter, com pitadas de sadismo.

O entendimento não absolve ninguém. Mas pode ser um caminho para que uma autoavaliação possa encontrar estes sintomas que insistimos em repetir e propagar pelo mundo.



39

POR GABRIEL GALO

CRIANÇA FEIA NÃO TEM QUE A CRIE

É uma verdade dolorida: as redes sociais, onde expomos nossas opiniões sem privação, fez com que a rastreabilidade do erro se tornasse instantânea e ampla.

Uma coisa é pagar o BO de um erro dentro de uma esfera restrita e esporádica. Outra complemente diferente é assumir BOs de erros recorrentes, graves e públicos. Assim, apela-se ao maior trunfo dos canalhas. Se pego na malandragem, nega até a morte, bote na conta de quelé, mas nunca leve pra perto o ônus do erro.

É o que vemos agora dentro do campo progressista com as atitudes repudiantes de vários integrantes do BBB 21. Como explicou o professor Wilson Gomes em entrevista recente à BBC, a esquerda montou palco, subiu, e não gostou do que viu. Porque ali só tinha espelho.

Assim, tal qual trumpistas que dizem que o ataque ao Capitólio foi feito por antifas infiltrados, se eximem de responsabilidade na criação deste monstro de fiscalização identitária. A culpa sempre é do outro.

Assim, a pessoa passa a ser alguém que "não fala pelo movimento", como se este tivesse comitê que define quem tem voz ou não, ou então "não é progressista de verdade", buscando um post de priscas eras para mostrar como a pessoa continua a mesma de sempre. Ou seja, "nunca foi uma de nós, sempre foi lá do outro lado".

Outra argumentação frequente é a de que "a Globo montou estrutura para deslegitimar a esquerda". Não que a Globo valha muito, mas não costumo confiar em teorias conspiratórias, especialmente quando me fio no âmbito da observação.

Quem convive em ambientes progressistas sabe como Lumenas e Karois brotam do chão para fiscalizar a fala de qualquer pessoa, deturpando conceitos para se erguer como ápice da moral. Gente insuportável, desagradável, debochada. Que não tem na interação qualquer

Karol Conká

intenção de educar, de acolher, de explicar, senão o propósito único de apontar no outro a falha imperdoável.

Não é à toa que expressões como “esquerda caviar” e “esquerda cirandeira” foram criadas.

Meses atrás vi o rompante raivoso de um homem trans que, ao ser tratado como pessoa, palavra que busca términos femininos, mas que não tem qualquer relação de gênero, atacava a outra pessoa – que trata a todos como “pessoa”, pois acredita não ser este termo excludente – porque ou deveria se referir a ele no masculino ou no pronome neutro. A pessoa atacada explicava, mas para o “ofendido”, tinha que ser assim e acabou.

O ofensor, portanto, valendo-se de uma mentira por ter sido ofendido, sequer conseguia formular raciocínio para explicar que, no fundo, sua dor como homem trans era tão profunda, que a menção a qualquer pronome feminino despertava sua ira. Terapia, meu povo.

Quem quer briga, vai achar motivo. E essa gente quer guerra constante.

E quando a ofensiva raivosa dos paladinos da moral atinge a todo um povo que muitas vezes sequer consegue compreender a complexidade dos conceitos levados, quando não um bando de palavra comprida e sem sentido, ouve ataques da artilharia, e se afasta da causa.

E quando dá ruim, em vez de deitar a cabeça do travesseiro e entender que Lumenas são muito mais regras que exceção, saem tentando doar o filho pros filhos.

“Cê conhece Neco? Né comigo, não!”

Só que sem olhar pra dentro e entender asa raízes que multplicaram Lumenas e Karois por aí, garante-se que a causa vai viver na impossibilidade. E talvez seja isso mesmo que queiram. Há certa beleza em lutar por causas perdidas, mesmo que se tenha que perdê-las preventivamente.

POR DURVAL LUCAS JR

O ESPÍRITO MALIGNO DAS TECNOLOGIAS SOCIAIS

Faz pouco mais de 10 anos que publiquei minha primeira pesquisa sobre o tema das redes sociais. Naquela época, o **Orkut** ainda era a plataforma dominante nas nossas vidas virtuais. Bem ao longe, uma ameaça desconhecida surgia, vinda dos Estados Unidos. Era mais conhecida pelas pessoas que tinham amigos ou familiares no exterior que, por outro lado, não faziam a menor ideia do que era o Orkut.

Embora o Orkut não tivesse sido criado no Brasil, tinha caído no gosto dos brasileiros de uma forma poucas vezes vista. Virou símbolo de uma era em que pessoas dos mais diversos níveis sociais passaram a se comunicar e a colaborar de forma simplificada, agregadas por coisas fúteis como "odeio acordar cedo" ou de utilidade pública, como "a odisseia de morar sozinho". Éramos conhecidos pelos grupos que participávamos. Em que pese o reinado próspero do Orkut, o fato é que, cerca de um ano depois, o que era uma ameaça desconhecida virou mainstream: o Facebook assumiu a liderança no Brasil, e começou a dar forma a tudo o que conhecemos hoje.

Naquela primeira pesquisa, constatei que, nos grupos do Orkut, havia quatro perfis básicos de usuários, do ponto de vista do que chamamos hoje de engajamento: os que consumiam conteúdo, mas não interagiam; os que consumiam conteúdo e interagiam; os que consumiam e geravam conteúdo; e, por fim, os que consumiam e geravam conteúdo, e também levavam as interações do mundo digital para o mundo físico. Ou seja, não só tínhamos uma gradação que saía do menos comunicativo para o mais comunicativo, como ainda misturávamos os mundos digital e físico. Numa via de mão dupla, pessoas que se conheciam no mundo físico normalmente passavam a interagir no mundo digital, mas também o contrário se fazia bastante comum.

Tenho, até hoje, vários bons amigos desta época, conhecidos nos grupos do Orkut e materializados nos chamados "Orkontros". Claro que, no meu caso, o processo foi mais fácil – por ter feito parte da geração que viveu o boom de plataformas de comunicação online, como mIRC, ICQ e MSN Messenger –, mas o que eu gostaria de destacar aqui é o espírito que reinava na plataforma e ditava as interações entre as pessoas. Naquela época, não se falava em cancelamento ou em Fake News, porque a lógica da colaboração em grupo exercia um efeito de moderação aos excessos e radicalismos. Ou seja, por mais que alguém se exaltasse ou contasse algo que não fizesse sentido, sempre havia o contraponto ou a intervenção da "turma do deixa-disso", e o consenso acaba sendo o destino para o qual todos caminhávamos. Era a sabedoria das massas sendo aplicada em sua essência.

Mark Zuckerberg

Desde que o **Facebook** tomou a dianteira das redes sociais como a plataforma mais utilizada – e depois Instagram e outras plataformas –, houve uma mudança substancial na forma de interação entre as pessoas: passamos, de usuários que buscavam a cooperação ao fazer parte dos grupos, para usuários que buscam o seu lugar aos holofotes, colecionando cada vez mais likes, curtidas e seguidores para, por fim, fazer fama e, talvez, um pouquinho de fortuna. A partir do momento em que o individual prevaleceu sobre o coletivo, passamos a achar que podemos ser melhores do que os outros, mais interessantes, inteligentes, bonitos, bem-humorados – e mais uma vasta gama de adjetivos que o dicionário os guarda todos. Pois é, o espírito mudou.

Deixei a pesquisa sobre o uso de redes sociais pelas pessoas e passei a focar no uso de redes sociais pelas empresas. Não só em respeito à minha formação como administrador, mas pela oportunidade que se abria diante dos meus olhos: testemunhar o surgimento de uma ferramenta de comunicação que colocaria todas as pessoas (físicas e jurídicas) em pé de igualdade, e que revolucionaria a forma de fazer negócios. Ao longo dos meus mais de 10 anos de pesquisa, as redes sociais ainda continuam a ser um enorme desafio para as empresas. Menos pelo que as plataformas representam do ponto de vista tecnológico ou estratégico dos negócios, e mais pelo difícil processo de falar com pessoas que não querem conversar, mas apenas ser ouvidas.

A chamada "**cultura do cancelamento**" que vivemos hoje é um reflexo desse modelo de comunicação centrada num indivíduo cada vez mais tomado por uma surdez antissocial e autoritária. Não se busca entender a intenção do outro, compreender seu ponto de vista ou buscar o consenso como forma de aproximação – práticas democráticas que a noção de pertencimento a um grupo nos ajuda a compreender e seguir de forma indelével. Quer coisa mais autoritária do que, se uma pessoa falar algo que não refletir aquilo que penso, simplesmente impedi-la de falar e execrá-la

publicamente até que caia no ostracismo? Quer atestado maior de ignorância do que manifestar uma opinião baseando-se num corte de vídeo completamente descontextualizado? São práticas que só prosperam hoje porque a noção de pertencimento, de fazer parte de um grupo, tem cada vez mais deixado de existir, junto com o cuidado naturais que os grupos têm com seus integrantes.

Há quem discorde de mim, dizendo que as manifestações coletivas atualmente existentes nas redes sociais são a nova configuração de grupo, e que o pertencimento se dá de forma mais fluida. Eu adoraria acreditar nessa tese, não fosse o fato de que existe uma clara diferença entre construção coletiva – baseada na clássica fórmula "tese, antítese e síntese" – e construção baseada numa relação entre influenciadores seguidores. Tudo isso catalisado por uma tecnologia que permite interações e replicações com agilidade incomparável e alcance global.

ESTAMOS VIVENDO TUDO ISSO NÃO PORQUE SOMOS MAUS. MAS PORQUE GRANDE PARTE DE NÓS NÃO FAZ IDEIA DO QUE ESTÁ VIVENDO.

Por isso é importante ter a consciência de que, enquanto pessoas e empresas continuarem a viver com medo do cancelamento, toda a sociedade perderá. Perderá porque precisamos entender, de uma vez por todas, que o "nós contra eles" não ajuda a construir um tecido social onde todas as pessoas possam viver dignamente. Temos a grande oportunidade de usar as plataformas de redes sociais para nos aproximar daquilo que somos e queremos ser, e de usar o conhecimento coletivo para a melhoria da própria sociedade. Precisamos melhorar o espírito que habita nossas tecnologias.

POR GABRIEL GALO

DO CENTRÃO E OUTRAS MOVIMENTAÇÕES IDEOLÓGICAS

Arthur Lira (PP-AL)

Nada há de intransigente demais na política que não possa ser resolvido com distribuição farta de cargos e de dinheiro.

Decerto, este arranjo não é capaz de unir opostos na mesma composição governamental, mas é capaz de fazer com que opositores de ocasião retornem correndo aos braços do dono do dinheiro.

Ou melhor, será que nem os opostos mesmo se aliaram?

A eleição **de Arthur Lira** (PP-AL) à presidência da Câmara dos Deputados choca – ou deveria chocar.

Primeiro porque Lira é condenado em segunda instância, mas em vez de ter seus direitos políticos cassados como condenado que é, opera no submundo dos regramentos do Congresso para não apenas manter o seu cargo, mas para cavar influência suficiente para alçá-lo ao mais alto posto da casa.

Segundo porque a eleição de Lira teve o apoio entusiasmado de nomes que não se veem olhos nos olhos, como **Aécio Neves** (PSDB-MG) e parte da esquerda.

O movimento em torno do apoio a Lira, em detrimento da candidatura de **Baleia Rossi** (MDB-SP) viabilizada por **Rodrigo Maia** (DEM-RJ) indica um intenso rearranjo partidário visando 2022.

PSDB, **DEM** e **PSL**, além do próprio **PP**, que negocia o reembarque de Jair Bolsonaro em sua sigla, da qual se serviu o presidente por perto de 20 anos.

Os 3 partidos têm ministérios no governo Bolsonaro, mas também têm lideranças que se posicionam na oposição ao presidente.

É nesta dança das cadeiras que se concentram muitas das negociações em curso em Brasília. E que podem alterar significativamente as estruturas de poder.

Deputado Baleia Rossi (MDB-SP)
Foto: Fabio Rodrigues Pozzebom | Agência Brasil

Aécio Neves (PSDB-MG), no Senado Federal, em 25 de abril de 2016.
Foto: Evaristo Sá | AFP

MOVIMENTAÇÃO IDEOLÓGICA

O PSDB, desde a derrota de Aécio na corrida presidencial de 2014, vive em turbulência. Apesar de **João Dória**, governador de São Paulo, ter adotado o **BolsoDória** como mote de campanha, aproveitando-se da onda reacionária de 2018 para se eleger, desde a largada do mandato vem construindo imagem de líder de uma oposição que, embora facilitadora da eleição do presidente, finge-se de desentendida e quer se afastar de um governante incapaz.

Mas partes do PSDB veem com bons olhos a aproximação com o presidente. E quem comanda a articulação é justamente Aécio Neves.

Este ruído de desentendimento de caciques tucanos – nunca houve harmonia entre a alta cúpula do partido – parece ter chega ao limite.

Tasso Jereissatti afirmou esta semana que o PSDB dele não apoia Jair Bolsonaro. Mas **Rogério Marinho** permanece ministro do governo.

É de se esperar, pois, a ruptura do PSDB. Parte, comandada por Aécio Neves, vai buscar seu espaço na extrema-direita, pois compartilham entre si ideais golpistas. Parte vai buscar higienização como direita limpinha.

É o fim da era de espírito dos embriões da social democracia paulista.

João Dória, dono do partido, tenta atrair para a sigla Rodrigo Maia e um grande número de deputados, prefeitos e outros políticos.

Porque Maia, apesar do destaque recente, perdeu a queda de braço no DEM para **ACM Neto** e braço extremista.

Assim como o PSDB, a ruptura é iminente. Mas o antigo PFL vai se pintar de extrema-direita.

O DEM é um dos partidos mais poderosos em Brasília. Fez dobradinha Maia-Alcolumbre no Legislativo. No Senado, elegeu **Rodrigo Pacheco** (DEM-MG), que durante a campanha uniu opostos, direita e esquerda, bolsonaristas e petistas, em torno de seu nome.

Dessa maneira, os partidos mais à direita têm vivido dias cruciais. A tendência é de definir com clareza onde se encontram no espectro político, expurgando das bases nomes dissidentes. Assim, o DEM se aproxima da extrema-direita, enquanto PSDB e PSL seguem caminho inverso, se afastando da extrema-direita e buscando espaço na direita limpinha.

Siglas históricas – à exceção do PSL – que padronizam o posicionamento ideológico.

E O CENTRÃO?

Há um grupo de partidos que, ao contrário de DEM e PSDB, sempre ignoraram movimentos ideológicos, e são entusiastas dos movimentos fisiológicos. Partidos como Republicanos, MDB, PSD e PP contam com ampla bancada, apetite por controle de gastos públicos e desregrada bússola moral.

Estes são aqueles partidos que serão sempre governo, não importa quem lá esteja. E cobram o preço para embarcar com a base grande o suficiente para fazer passar projetos do governo, ou, quem sabe, barrar um pedido de impeachment.

Estes são o núcleo duro que o General Heleno, durante campanha de 2018, cantou sarcástico "se gritar pega Centrão, não fica um, meu irmão".

Não ficaria, mas a lei tem brechas.

O PP, partido mais implicado na Lava-Jato, celebrou a saída de Sergio Moro do governo e o fim da operação que prendeu diversos líderes do partido. Mas para se tornar braço do bolsonarismo cobra caro.

Senador Rodrigo Pacheco (DEM-MG)

Dilma Rousseff, ex-presidenta do Brasil. Imagem de 2011 ganhou prêmios internacionais de fotografia.
Foto: Wilton de Souza Junior | Agência Estado

A queda de **Dilma Rousseff** mostrou o quanto estes partidos estão dispostos a abrir mão de alianças sedimentadas para impor a sua agenda. E encontrar o ponto de equilíbrio para agradar Lira e o PP parece ser uma incógnita.

De fato, governo e Lira sabe o quanto dependem um do outro. O governo para tocar a sua pauta na câmara; Lira para impedir avanços em seus diversos processos em que é réu, fora a condenação em segunda instância.

Bolsonaro se precaveu. Acuado, liberou cerca de 3 bilhões de reais em emendas parlamentares, comprando apoios num mensalão para chamar de seu – tolo é quem acreditou na nova política votando num sanguessuga do erário público por 3 décadas.

O jogo está claro: ao Centrão, só recursos em profusão acalmam os ânimos. Mas como garantir estes recursos em meio a uma crise prolongada e quando nem o orçamento de 2021 foi definido, deixando órgãos públicos inadimplentes, tanto internamente quanto internacionalmente?

Viveram, pois, Lira e governo em sistema constante de chantagem. Melhor que se agradem, caso contrário, ambos têm muito a perder.

Em meio a isto, Maia sai da presidência da Câmara menor do que quando entrou, partidos se consolidam em espectros ideológicos, há quem veja Aécio como potencial vice de Bolsonaro em 2022, e o Centrão é o que sempre foi.

Intriga, contudo, a inoperância surda do maior partido de oposição do Brasil. Calado, rompe o silêncio para anunciar, Lula como candidato em 2022, e se não puder, Haddad à frente da chapa. Logo, em vez de se tornar poste na última hora, Haddad vai assumindo sua sina desde já.

POR FERNANDA GALVÃO

ALMOÇO CARO PRO GOVERNO

Como alguns sabem, acompanho o bolo doido de Brasília daqui, da Cidade Maravilhosa (sim, eu sei, o Rio anda meio caído, mas este título ainda é nosso, lidem com isso). Mas fato é que há uma distância considerável entre o Pão de Açúcar e o Cerrado, ao menos na quilometragem, só que isso não nos impede de acompanhar o desenrolar dos acontecimentos - leia-se, por acontecimentos, a tour que levou ao apogeu de **Arthur Lira** (PP-AL) e à queda de **Rodrigo Maia** (DEM-RJ). E eu estou, desde o começo das tratativas e discussões, achando que sim, esta dita vitória governista pode ser, na realidade, uma vitória de Pirro. Ou, como dizemos aqui nas terras cariocas, ganhou mas não levou.

Arthur Lira é do PP, antigo partido do presidente Jair Bolsonaro, que militou na legenda por mais de 20 anos. Em que pese ter sido o partido mais citado nas investigações da Lava Jato, segue incólume em seu papel de base, agora consolidado com a presidência da Mesa Diretora. E o PP, assim como a grande maioria dos partidos do dito Centrão, não é conhecido por ser celeiro de grandes legisladores, ao contrário. Nestes partidos, os filiados adotam a política do "estilo síndico": te dou obras, você me dá votos.

Beleza, é do jogo, faz parte e não é algo, per se, errado ou nocivo. É uma forma de fazer política, faz parte da rotina legislativa. Mas ela cobra um preço, não é de graça que se apoia o que o Governo quer. E digo mais: nem sempre ela funciona diante do eleitor.

Veja bem, longe de mim fazer aqui a argumentação rasa que se faz tantas vezes na imprensa, quando se fala que A ou B comprou o Centrão pelos votos e tal. Sabemos que estamos falando de emendas orçamentárias, obras, melhorias, não necessariamente "dinheiro no bolso" do doutor. Mas a realidade é que, sim, pra rir tem que fazer rir. Não estamos falando de uma massa ideológica, aliás esta tem se tornado cada dia menor no Congresso. Logo, se é pra esperar apoio, que se saiba que é preciso este retorno.

Aí nesta semana Arthur Lira concretizou a votação da independência - relativa - do Banco Central, pauta mais do que discutida nos últimos 30 anos e um sonho antigo do mercado financeiro. Assunto caro ao coração do ministro Paulo Guedes, liberalzinho que só. A coisa estava parada há tanto tempo que é até injusto dizer que um trem que tramita desde o tempo em que o ex-presidente Itamar Franco era senador não prosperou por pirraça do Rodrigo Maia, portanto nem dá pra dizer que foi uma grande vitória do Governo, porque não foi. O resultado foi muito mais pra acalmar o mercado do que pra apaziguar Bolsonaro, que, ao que parece, já começou a perceber que o buraco pode ser bem mais embaixo do que ele imaginava, agora que os dois presidentes das Casas Legislativas são, teoricamente, aliados.

Rodrigo Maia, ex-presidente da Câmara dos Deputados
Foto: Adriano Machado | Reuters

Paulo Guedes, ministro da Economia.
Foto: Edu Andrade | Ministério da Economia

Ocorre que a primeira queda de braço está a caminho e promete fortes emoções. Está sobre a mesa a questão do Auxílio Emergencial, pauta desgostosa pra **Paulo Guedes** mas de suma importância para os legisladores. Depois de ser colocada como prioritária tanto pela Câmara quanto pelo Senado, Bolsonaro acenou com a proposta de R$ 200, reclamou que o país iria se endividar... mesmo como muxoxo de sua equipe econômica, sempre bom lembrar. Só que a aprovação desta sugestão não deve vir fácil, em nenhuma das Casas.

Guedes pensa com a cabeça de um teórico liberal que não depende do voto, mas deputados e senadores já estão com a mente em suas eleições no ano que vem, enquanto governadores e deputados estaduais seguem preocupados com a falência geral dos estados. O que os estaduais têm a ver com isso? Tudo, uma vez que o principal tributo desta esfera é o ICMS, justamente o mais atingido pelo poder de compra direto da população.

Sem o auxílio, os já combalidos cofres estaduais sofrerão ainda mais, e lembrem-se, moro no Rio de Janeiro então sei e vejo de perto o perrengue que é manter a máquina minimamente funcionando sem dinheiro em caixa. Estou falando de um estado que começou o ano já com um déficit orçamentário planejado de R$ 20 bilhões. E não somos mais o único estado da federação de pires na mão, já que o combo pandemia e política econômica bolsonarista causaram uma certa devastação no restante do país - até o tradicional feijão com arroz está 44% mais caro que no ano retrasado, de acordo com a Associação Brasileira dos Supermercados.

O que isso tudo mostra? Que pode não ser desta vez que pautas ideológicas importantes para Bolsonaro - mais fácil acesso a armas, polícias estaduais mais independentes, *homeschooling* – sejam aprovadas no Legislativo como o passeio no parque desejado pelo presidente. E quanto mais próximo das eleições estas pautas forem votadas, mais difíceis - e caros - serão os votos favoráveis. Por acreditar estar cercado de governistas, Bolsonaro pode achar que não precisa quitar este pré-datado; por acreditarem ser necessários para o governo, os governistas podem acreditar que o pré-datado será mantido. Resta saber de que lado a corda irá arrebentar. Enquanto isso, a galera segue esperando o emprego, o auxílio emergencial, o que quer que seja pra garantir o troco do fim do mês.

POR FLAVIA VASCONCELOS

FOTOGRAFIA E CONTENTAMENTO

Foto: Marcelo Reis (@marceloreis)

Muito de tudo. Muito sol, muitas cores, muitos encontros e muitos sorrisos. Nesse caso, o excesso foi providencial. Éramos um grupo de pessoas com suas máquinas fotográficas a espera do surpreendente, em pleno suspense e ansiedade que só a beleza causa.

O tema, inicialmente, era a festa dos Caretas, que acontece durante todos os domingos de julho em algumas cidades do Recôncavo, começando pelo dia 2, data histórica da Independência da Bahia. Pela janela do ônibus, a cidadezinha chamada Acupe ia se aproximando. A paisagem era aquela do Recôncavo baiano: clima bucólico, casinhas simples e ruas de pedra. A arquitetura de Acupe não é tão charmosa quanto a de Cachoeira, sua vizinha de território, mas, assim que o inusitado surgiu, criou-se uma aura de encantamento pelo lugar e deu-se, enfim, o charme.

Jovens, a maioria adolescentes, surgiram das vielas estreitas da pequena cidade, com os rostos escondidos por máscaras típicas de filmes de terror. Monstros, bruxas, animais ferozes com os dentes à mostra, estavam representados nessas máscaras feitas de borracha industrializada, contrastando com as roupas visivelmente caseiras, improvisadas por eles mesmos. As roupas, para ser mais exata, era a junção de todo tipo de tecido e plástico. Outros mais caprichados usavam paletó branco. Sim, paletó branco com a máscara de monstro no rosto. Como não se surpreender?

Eram os Caretas que saiam às ruas de Acupe, correndo pelas ladeiras, atrás dos garotinhos que simulavam medo, quando na verdade queriam mesmo é entrar na brincadeira. Descemos do ônibus afoitos por capturar aquelas cenas e toda a criatividade que apontava delas. Os Caretas correndo atrás dos garotinhos e nós de toda a cena. O dia só estava começando. Decidimos entrar no ônibus e seguir para Saubara, outra cidadezinha próxima, que também estava em alvoroço.

Lá os Caretas estavam melhor fantasiados. Com acessórios que beneficiavam ainda mais o visual criativo. Lá eles usavam saias de palhas de bananeiras e investiam mais na riqueza de suas roupas. Uns colocavam vestidos xadrez e até vestidos de noiva. A cada esquina apareciam figuras ainda mais exuberantes e os nossos olhos de fotógrafos agradeciam. O dia foi passando e a hora de ir embora se aproximava junto com o pôr do sol. Voltamos para Acupe depois de recebermos a notícia de que o grupo do Nego Fugido ia passar por lá.

Parecíamos caçadores. A nossa presa era a boa imagem. Enquanto o grupo não aparecia, ficamos na pracinha da cidade esperando a sua chegada. Casais de namorados, crianças, senhorinhas nas janelas e grupos de amigos compartilhavam aquele ambiente, junto com a gente, também na expectativa. Quando algum tempo depois, o som de atabaques se fazia presente e vinha de longe. Atentos, todos, inclusive nós, começamos a nos reunir.

Foto: Marcelo Reis (@marceloreis)

Fotos: Marcelo Reis (@marceloreis)

As senhorinhas apareceram nas portas das suas casas, os senhores, sempre mais sérios, ficaram nas janelas e as crianças se misturavam conosco na maior alegria. Éramos a representação desenhada dos versos de Chico Buarque em A Banda: "A moça triste que vivia calada sorriu. A rosa triste que vivia fechada se abriu. E a meninada toda se assanhou pra ver a banda passar cantando coisas de amor". Infelizmente eles não cantavam coisas de amor.

Encenavam com muita veracidade e com toda a alma de artista as dores dos escravos e as suas lamúrias. Crianças de 7 a 10 anos com os rostos pintados de preto e as bocas tingidas de vermelho sangue representavam aquelas pessoas que tanto sofreram durante um período cruel da nossa história. Ao lado dessas crianças-artistas estavam alguns homens com os rostos também em preto, com as bocas vermelhas, vestidos com roupa de vaqueiro e espingarda na mão. Eram os capitães do mato.

Ao som dos atabaques e de músicas típicas do samba de roda, eles se assanhavam, rodopiando sem parar. As crianças-artistas pediam "socorro" ao público, "não queriam morrer": "Sinhá me salve, eu não quero ir pro tronco!" Se jogavam ao chão, contorcendo os corpinhos franzinos. Era algo impactante e muito emocionante. Embora representassem a tristeza na sua forma mais visceral, era bonito de se ver. Aquilo era arte, e melhor, aquilo era o povo atuando e contando a história dos seus antepassados.

É claro que toda essa magia se tornou um prato cheio para nós fotógrafos. Alguns de nós se deitavam no chão, agachavam, colocavam as máquinas em vários ângulos para não perderem nenhum segundo do que viam. E voltamos para casa, extasiados e felizes por termos capturado belas imagens, as nossas mais valiosas presas.

Foto: Marcelo Reis (@marceloreis)

Fotos: Marcelo Reis (@marceloreis)

POR GABRIEL GALO

O ATRASO DO FUTEBOL BRASILEIRO

À derrota dupla do Palmeiras no Mundial de Clubes, vencido pelo franco favorito Bayern de Munique do técnico **Hansi Flick**, para além da renovação das piadas de rivais que são vistos pelo alviverde pelo retrovisor, cabe um alerta ao futebol brasileiro. Não tem necessariamente a ver com eventual safra de jogadores, porque o Brasil continua a gerar pé-de-obra qualificado – embora apenas Neymar faça parta da primeira prateleira de astros mundiais do futebol.

O alerta vem do banco de reservas.

Em 2019, o Flamengo, apesar do elenco mais caro do país, tinha dificuldades para encontrar entrosamento sob o comando de Abel Braga. Importou, então, o técnico português Jorge Jesus.

No mesmo, o Santos abriu os cofres para contratar o argentino Jorge Sampaoli. Campeão da Copa América pelo Chile em 2015, Sampaoli chegava contestado depois de uma Copa do Mundo decepcionante à frente de sua seleção natal.

Em 2020, o Palmeiras, apesar de ter um dos elencos mais caros do país, tinha dificuldades para encontrar entrosamento sob o comando de Vanderlei Luxemburgo. Importou, então, o técnico português Abel Ferreira.

Enquanto isso, no começo de 2021, depois de 1 ano e 7 meses à frente do São Paulo, Fernando Diniz, tido como exemplo de renovação nas pranchetas brasucas, foi demitido do tricolor depois de acumular eliminações e ter perdido a gestão sobre o elenco depois de bronca desmedida e desrespeitosa contra Tchê Tchê.

O Brasil, à exceção de Tite, técnico da seleção brasileira que nunca treinou grande equipe mundial fora do Brasil, não tem um treinador sequer entre os maiores. Os argentinos, por outro lado, dominaram. Na última Copa, eram cinco os treinadores, dentre os 32 participantes, nascidos em terras *hermanas.*

Jorge Jesus, Abel e Sampaoli – em que pese fracassos de nomes como Jesualdo Ferreira no Santos, que melhorou depois da chegada de Ciuca, e Ricardo Sá Pìnto, que afundou ainda mais o Vasco, que no desespero chamou Luxemburgo para resgatar a equipe da briga pelo rebaixamento – têm uma característica em comum: são treinadores da terceira prateleira na Europa. Domenec Torrent sequer treinador principal fora quando o Flamengo o retirou da comissão de Guardiola.

Mesmo assim, foram capazes de chegar ao Brasil e alterar substancialmente o futebol praticado por suas equipes.

Jesus está de volta ao Benfica, e os resultados não são nada bons, sendo rejeitado pela torcida que já o teve como ídolo. Bastou um rápido choque de realidade para que voltasse à mediocridade num meio muito mais competitivo que o daqui.

Os times brasileiros se sobressaem na América do Sul por uma razão: o dinheiro no Brasil vale mais, podendo, assim, capitalizar equipes nacionais a montarem elencos melhores.

Mas o banco de reservas segue carente de cérebro.

Endeusa-se um técnico novato que não é capaz de conseguir nada além de um vice campeonato paulista. Recorre-se a velhos medalhões com currículo vasto, mas que vivem no passado. E os mais novos bebem na fonte de um curso de formação que, ao contrário do equivalente argentino, não se equipara aos padrões mais altos da UEFA.

Não há sequer horizonte de melhora. Seguimos presos à arrogância de um país pentacampeão, mas que assiste aos outros se afastarem com a empáfia de quem crê que o jeitinho brasileiro poderá superar tudo. Haja esperança.

POR EDUARDO GALDURÓZ

VARDEMÁ, PAPURU, INTERIOR DE IBIÚNA

Talvez que ele se agradasse mesmo de ver o pau quebrando. Mas dizem que não, que era outra coisa. Fato é que ficava lá, barzinho ao lado do campo – seu campo, seu bar -, coçando bicho-de-pé, chupando laranja e bicando a caninha perpétua que repousava na coxa esquerda, e ela ficava ali paradinha. Paruru, interior de Ibiúna, fim de século. Fossem apartar briga, e sempre estourava briga, não se opunha tanto, mas achava ruim. Está claro que achava ruim.

— Deixa, menino, que a bugrada se entende.

Vardemá era o nome, mas Vardemá ele achava empombado. Ali pros da casa – e todo mundo por ali era da casa -, era o Var, seu Var do Paruru, entra e toma uma aqui, menino, diz o que passa. Quase que nada não falava, e todo mundo ouvia. A turma do Machado inclusive, que sempre tava lá disputando várzea e briga. Futebol e porrada em dia de domingo, que dia de semana era lida desde madrugada, ali todo mundo. Carecia de futebol e porrada dia de domingo: seu Var sabia, e deixava, não apartava. Nunca deu coisa mais grave, ali era tudo irmão de lombo crestado, deixa brigar, desopila. Depois senta aqui, menino, toma uma, diz o que passa.

Mas naquele dia foi diferente.

Era briga ruim, briga de boca, coisa que não se resolvia. Deu assim. Decisão de festival, Paruru x Machado, segundo tempo alto, 0x0 renhido. O ponta do Machado recebe sem ângulo, faz que vai cruzar, se encarapita todo e manda o petardo daquele jeito mesmo, torto que só. A bola ninguém não viu bem certo onde passou, só conta que bateu na rede, aquela rede desprendida do gramado, e foi se enrolando toda, emaranhando um bombom de branca embalagem, dependurada no travessão feito uma preguiça. O ponta, experimentada puta velha, sai comemorando o gol, no que Tião Baleia, diligente árbitro, acorda e no susto confirma o tento.

Toda caboclada pra cima do bom juiz, os onze do Paruru, o técnico, o pai-de-santo, o gandula. “Entrou por fora, juiz cego do caralho”, e o povo do Machado já engamelando também pra equilibrar: “entrou por dentro, juiz bunda-mole do cacete”, modo que a Tião Baleia só restou recolher sua dignidade e sair do campo em protesto, “tomábanho, seu Var, esses bugre não respeita otoridade”, retomando os deveres em sua respeitável banca de jogo do bicho.

Campo sem juiz, briga sem final, o bom homem teve de intervir. Afastou a caninha da coxa, calçou a sandália e desceu ao campo, passo cadenciado. O silêncio que formou se ouvia lá da cidade. Se achegou da rede desfigurada, e, paciencioso, começou a desenrolar a bola da rede, até que, finalmente, a redonda se desprendeu do véu e caiu limpinha na grama, bem na porção de dentro do gol. Entrou por dentro!

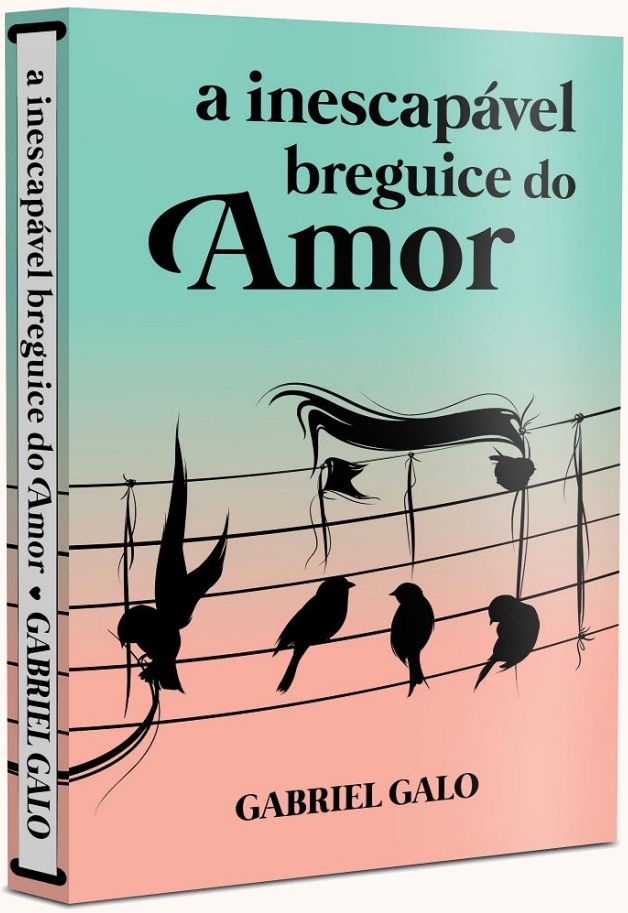
— Taí, caipora. Gol do Machado — e voltou pra caninha, desassustado.

O raro leitor e a distinta leitora já terão percebido do que trata esta crônica: a primeiríssima vez que um jogo de futebol foi decidido pelo recurso tecnológico do VAR.

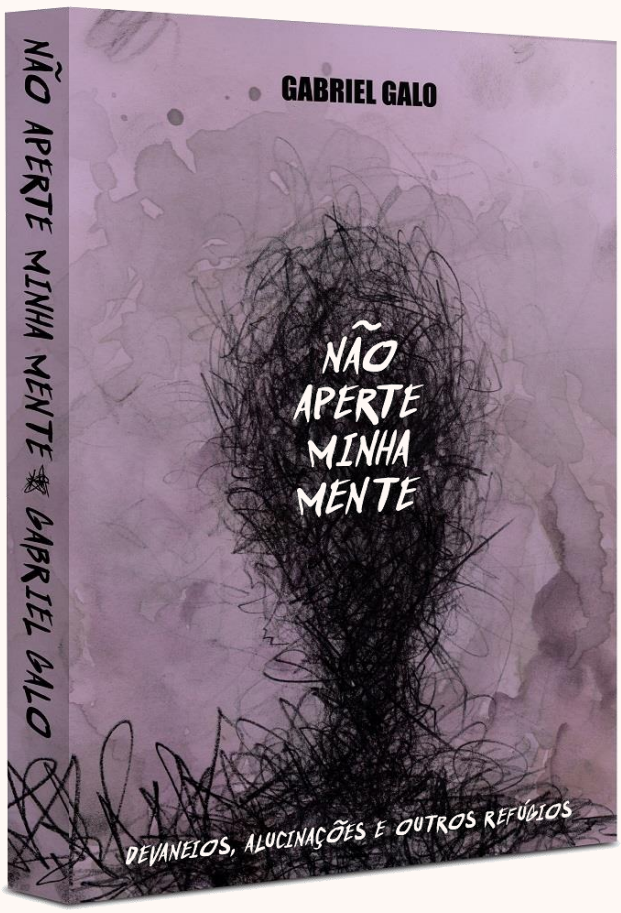
No caso, Vardemá do Paruru, interior de Ibiúna, estória melhor que verdadeira.

HORA DO MERCHAN

COMPRE JÁ OS 2 NOVOS LIVROS DE **GABRIEL GALO** COM SUPER DESCONTO. AGORA. VAI. CORRE.



A inescapável breguice do amor
(2020, 200 páginas)



Não aperte minha mente
(2020, 208 páginas)

Últimas unidades da **1º edição**, com preço promocional, **dedicatória exclusiva** + **.pdf** para você ler onde quiser: **R$ 24,90** cada + frete.

QUERO COMPRAR!

Disponível também para Kindle e no Google Play.